maior acontece devido ao tempo em que a criança passa e pelo convívio dinâmico. O bullying e cyberbullying são frequentes e muitos educadores não sabem nem o que fazer como resolução do problema, uma vez que é considerado crime, mas o responsável pelas atitudes muitas vezes é menor de idade. O único caminho, por enquanto vem sendo mostrado, mas que ainda é muito vago é a orientação, a conscientização.

O que se sabe é que muitas pessoas estão adoecendo, sendo feridas por uma sociedade que não sabe nem o motivo por que muitas vezes ofende o outro, porque agride o próximo, diante de alguns padrões em que nem sempre baseados aleatoriamente ao agressor somente, que também pode ser uma vítima.

REFERÊNCIAS

_____. Curso Escola e Educação. 2014. Legislação sobre o Bullying - Lei nº 13.185/2015. Disponível em: Legislação sobre o Bullying - Lei nº 13.185/2015 (escolaeducacao.com.br). Acessado em: 27 maio 2022.

_____. Cyberbullying: O que é e como pará-lo. 10 coisas que adolescentes querem saber sobre cyberbullying. 2022. Disponível em: Cyberbullying: O que é e como pará-lo (unicef.org)

DIANA Daniela. O que é Bullying? 2022. Disponível em: O que é Bullying? - Toda Matéria (todamateria.com.br) Acessado em: 27 maio 2022.

FRANCISCO, Marcos Vinicius. LIBÓRIO, Renata Maria Coimbra Libório. Um Estudo sobre Bullying entre Escolares do Ensino Fundamental. 2008. Disponível em: 05 - Marcos Francisco OK.pmd (scielo.br). Acessado em: 27 maio 2022.

ZEQUINÃO, Marcela Almeida. MEDEIROS, Pâmella de. PEREIRA, Beatriz. CARDOSO, Fernando Luiz. (2016). Bullying escolar, um fenômeno Multifacetado. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1517-9702201603138354. Acessado em: 27 maio 2022.

A IMPORTÂNCIA DA LUDOPEDAGOGIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

SIMONE DA SILVA

Resumo

O presente artigo tem como objetivo apresentar a importância da Ludopeagogia no tocante ao auxilio as crianças com dificuldades em expressar seus sentimentos, angústias, medos, frustrações e stress. É através da Ludopedagogia que a criança aprenderá a expressar sentimentos que estão ocultos, devido a dificuldade em expressá-lo por medo, vergonha, insegurança, ou pela dificuldade em verbaliza-la formalmente. Assim, através da brincadeira e da espontaneidade, a criança se sentirá mais segura para expor seus sentimentos. No primeiro capítulo farei um breve histórico sobre a Ludopedagogia, além de apresentar sua importância na primeira infância. Apresentarei também a importância da Ludopedagogia na vida da criança e como tal segmento pedagógico pode auxiliar a família no tocante relacionamento com a criança. No segundo capítulo farei alusão sobre a importância do lúdico na educação infantil, e o que ele pode sinalizar aos educadores com relação às dificuldades apresentadas pelas crianças, quando fazem "birra" ou choro, devido a dificuldade em expressar-se verbalmente.

Palavras-chave: lúdico, criança, sentimentos, expressar-se, brincar.

INTRODUÇÃO

Em seu texto "Ludopedagogia: o brincar como foco na educação infantil", o comunicador social SIEVES, Cristiano (2018) apresenta a importância da ludopedagogia no desenvolvimento infantil.

De acordo com SIEVES, (2018) a ludopedagogia é um segmento da

Pedagogia dedicado a estudar a influência do elemento lúdico na educação. Destaco que não se trata apenas da inserção da brincadeira pura e simples. Ela é uma ferramenta para propósitos pedagógicos dentro das diretrizes educacionais vigentes.

Para SIEVES, (2018) o lúdico faz parte da natureza da criança, é uma linguagem inerente a ela. Quando a brincadeira é trabalhada com um objetivo pedagógico, potencializa o processo de aprendizagem, tornando o desenvolvimento infantil mais completo. Por meio de recursos lúdicos, como jogos, games, teatro, música, cinema, a criança desenvolve a capacidade de formar conceitos, selecionar ideias, estabelecer relações e integrar percepções. A ludicidade serve a um propósito de construção de valores sociais e afetivos, além de desenvolver os campos, intelectual e motor.

SIEVES, (2018) afirma que as diretrizes educacionais brasileiras, na Educação Infantil e nos ciclos iniciais do Ensino Fundamental, estimulam o uso do lúdico dentro da sala de aula, de modo que muitas escolas já investem em ludopedagogia sem saber. É importante que as crianças tenham tempo e espaço para o brincar livre. Porém, as brincadeiras com objetivo pedagógico devem ter atenção especial do professor, que deve saber diferen-

ciar os recursos lúdicos com caráter apenas de entretenimento daqueles que têm fundamentação pedagógica.

SIEVES, (2018) aponta que entre os fatores fundamentais nessa escolha estão: faixa etária, potencial criativo e desafiador, possibilidade de autonomia e protagonismo da criança, além da diversidade na oferta. A inserção das novas tecnologias tem se mostrado uma importante iniciativa nesse sentido, pois elas têm forte apelo no universo dos nativos digitais. Alguns recursos, aliás, têm favorecido a inclusão de crianças com deficiência, como o uso de games com crianças autistas e com Síndrome de Down.

SIEVES, (2018) salienta ainda que o acesso ao ensino regular a partir dos 4 anos não significa antecipar os processos de alfabetização. Essa lei vem consolidar a importância dessa fase na vida das crianças, com um objetivo muito mais voltado ao desenvolvimento integral da criança do que à inserção de conteúdos específicos das disciplinas tradicionais. Nessa fase, o trabalho é voltado à construção de valores éticos, morais e sociais, estruturação de conceitos lógicos, desenvolvimento da coordenação motora e capacidade de raciocínio.

SIEVES, (2018) afirma ainda que os jogos e brincadeiras são ótimos para trabalhar socialização, respeito a regras e resolução de conflitos. Brincadeiras com movimento, como atividades esportivas, queimada, bambolê, são fundamentais para o desenvolvimento da coordenação motora. Contação de histórias, desenho, música e teatro são importantes para despertar a imaginação, a expressão, desenvolver linguagens e formar futuros leitores. Já os games, jogos de tabuleiro e de construção são importantes para desenvolver o raciocínio lógico e construir conceitos matemáticos, que darão suporte para o aprendizado das operações, da geometria e até de assuntos de Química e Física.

SIEVES, (2018) conclui que, diante disso, ao inserir as crianças no ambiente escolar ainda aos 4 anos de idade, docentes, gestores e pais não devem privá-las dos momentos lúdicos. Pelo contrário, devem incentivá-las, pois o brincar propicia momentos valiosos de exploração, em que os pequenos interagem e descobrem o mundo que está a sua volta e têm a oportunidade de se expressar por meio das linguagens.

De acordo com SIEVES, (2018) muitas instituições de ensino, seja de forma planejada ou espontaneamente, implementam práticas ludopedagógicas. É natural que isso aconteça porque o lúdico faz parte da natureza da criança. Se for trabalhada de forma sistemática e planejada, o elemento da diversão pode acelerar muitos pontos do desenvolvimento. De forma mais estrita, SIEVES, (2018) afirma que podemos tratar a ludopedagogia como um segmento da pedagogia dedicado a estudar a influência do elemento lúdico dentro da educação. Muitas famílias, gestores e até professores ainda veem de forma negativa a mistura entre diversão e educação. Contra esse argumento, há dois pontos que SIEVES, (2018) destaca:

- A brincadeira está inserida desenvolvimento da criança. É da natureza dela buscar a brincadeira e o elemento lúdico no mundo. Espera-se que ela trate o mundo dessa maneira.

- A ludopedagogia não é a inserção da brincadeira pura e simples. Ela deve servir a propósitos pedagógicos e deve estar alinhada às diretrizes educacionais vigentes.

Para complementar esse segundo ponto, SIEVES, (2018) cita a definição que Margarete Miyuki de Souza explorou em 2012 no artigo "A importância da ludopedagogia na alfabetização". De acordo com SIEVES, (2018) Segundo ela, por meio da atividade l dica e do jogo, a criança forma conceitos, seleciona ideias, estabelece relaç es l gicas, integra percepç es, faz estimativas compat veis com o crescimento f sico e desenvolvimento e, o que mais importante, vai se socializando. Ou seja: o elemento lúdico pode servir a um propósito de formação e construção da pessoa.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC),

1 LUDICIDADE E EDUCAÇÃO INFANTIL

1.1 Ludicidade: o que é isso?

Em seu livro “Ludicidade e Educação Infantil”, BACELAR, Vera Lúcia da Encarnação, (2009) faz considerações significativas sobre o que é ludicidade e qual sua importância na Educação Infantil. De acordo com a autora, frequentemente, o jogo e a brincadeira são utilizados como sinônimos de lúdico. Vemos também, muitas vezes, o lúdico associado ao lazer, à satisfação, ao deleite, ao prazer.

BACELAR, Vera Lúcia da E. (2009), cita Johan Huizinga (2005, p. 3) que afirma que “o jogo fato mais antigo que a cultura”. Contudo, à medida que o ser humano foi descobrindo como controlar a natureza, dominando-a e se distanciando a ponto de criar uma “ant tese entre o esp rito e a mat ria, o homem e a natureza, a alma e o corpo” (MARX; ENGELS, 1987, apud BACELAR, Vera Lúcia da E., 2009), o lúdico também deixou de ser inerente à própria atividade do homem e passou a ocupar um determinado lugar e hora na vida. Esses são os momentos de diversão. Será que eles são lúdicos? Como saber isso?

BACELAR, Vera Lúcia da E. (2009), afirma que a ludicidade é de fundamental importância para o desenvolvimento da criança e, possivelmente por isso, a brincadeira tem sido uma questão bastante discutida por di-

versos teóricos, tais como Tizuko Kishimoto, Sanny Rosa, Brougère, D. W. Winnicott, dentre outros.

A autora afirma também que a discussão do tema já é ampla e, atualmente, o ato de brincar é estudado por diversas áreas do conhecimento, como a Antropologia, Pedagogia, Psicologia, Filosofia, História, entre outras. Sua importância na educação é inquestionável.

Sendo assim e, conforme afirma BACELAR, Vera Lúcia da E. (2009), no estado lúdico, o ser humano está inteiro, ou seja, está vivenciando uma experiência que integra sentimento, pensamento e ação, de forma plena. Nessa perspectiva, não há separação entre esses elementos. A vivência se dá nos níveis corporal, emocional, mental e social, de forma integral e integrada. Esta experiência é própria de cada indivíduo, se processa interiormente e de forma peculiar em cada história pessoal.

Portanto, só o indivíduo pode expressar se está em estado lúdico. Uma determinada brincadeira pode ser lúdica para uma pessoa e não ser para outra. Como saber isso de uma criança que não fala?

1.2 Ludicidade e Infância

De acordo com BACELAR, Vera Lúcia da E. (2009), na Educação Infantil, há uma série de atividades programadas com o objetivo de estimular a aquisição dos conhecimentos e das habilidades necessários para o desenvolvimento da criança.

A autora cita Piaget e afirma que, a criança já nasce com as pré-condições neurológicas do conhecimento, mas as condições de fato se dão através de atividades que ele denomina jogos (de exercício, simbólicos e de regras, conforme as idades). Essas atividades serão mais prazerosas se forem consideradas e respeitadas às emoções, os sentimentos e as necessidades das crianças no momento em que estão vivenciando as propostas trazidas pelo educador.

BACELAR, Vera Lúcia da E. (2009), ressalta que, nas creches, em função da demanda para uma aprendizagem escolarizada precoce, acontece algo que, a seu ver, é preocupante: as atividades propostas têm sido didatizadas, visando ao treinamento das habilidades preparatórias para a alfabetização. BACELAR, Vera Lúcia da E. (2009) cita Gisela Wajskop (2001, p. 23), que, em pesquisa realizada em escolas da cidade de São Paulo, identificou:

"[...] a maioria das escolas tem didatizado a atividade lúdica das crianças, restringindo-as a exercícios repetidos de discriminação visomotora e auditiva, através do uso de brinquedos, desenhos coloridos ou mimeografados e músicas ritmadas".

Em decorrência da preocupação demasiada na realização dessas tarefas de treinamento para alfabetização, muitas vezes o educador não considera a importância do sentimento de recusa, desânimo ou desatenção dos educandos ao realizar tais atividades, comenta BACELAR, Vera Lúcia da E. (2009). Para a autora, embora possa tratar-se de uma tarefa relevante, talvez não seja o momento mais adequado ou a forma mais indicada de trabalhar esta ou aquela habilidade. Então, fazem-se necessários um ajuste entre o nível de desenvolvimento, o interesse e a necessidade da criança. Talvez, dessa forma, possamos proporcionar vivências que despertam o estado lúdico na criança.

BACELAR, Vera Lúcia da E. (2009), afirma que o lúdico tem um papel muito mais amplo e complexo do que, simplesmente, servir para treinamento de habilidades psicomotoras, colocadas como pré-requisito da alfabetização. Através de uma vivência lúdica, a criança está aprendendo com a experiência, de maneira mais integrada, a posse de si mesma e do mundo de um modo criativo e pessoal. Assim, a ludicidade, como uma experiência vivenciada internamente, vai além da simples realização de uma atividade, é na verdade a vivência dessa atividade de forma mais inteira.

Afirma ainda que a participação em uma atividade lúdica (brincadeira, dança, jogo, desenho, canto) não significa necessariamente que esteja sendo uma vivência lúdica para a criança, ou seja, uma vivência plena, de inteireza e de integração do sentir, pensar e agir.

BACELAR, Vera Lúcia da E. (2009) ressalta que na infância, supõe-se que as atividades lúdicas sempre são plenas, que as crianças vivenciam com inteireza e de forma integrada as atividades que realizam. Mas, será isso uma regra geral? Será que sempre que participam de brincadeiras, jogos, desempenhos cênicos, as crianças estão em estado lúdico?

BACELAR, Vera Lúcia da E. (2009) afirma também que, muitas vezes, nós, educadores infantis, não estamos atentos ao momento presente da criança e propomos atividades que consideramos importantes para seu futuro.

A autora comenta que ante a preocupação com o futuro da criança, são propostas atividades preparatórias para a aquisição de hábitos, atitudes, conhecimentos que, na nossa concepção, serão importantes para sua vida, quando, na verdade, o importante para a vida da criança é poder se expressar, poder brincar pelo brincar, no momento presente, tomando posse de si mesmo, motora e psicologicamente.

BACELAR, Vera Lúcia da E. (2009) ressalta ainda que viver o presente com a orientação e intervenção do adulto para dar

suporte às suas necessidades é uma ótima maneira de viver intensamente as potencialidades, experimentando desafios de modo emocionalmente saudável para o momento seguinte. Afirma também que é vivendo o presente de maneira cuidadosa que nos sentimos prontos para o futuro.

Professores, educadores e pais precisam entender que as crianças não devem ser submetidas, no presente, a uma rotina de preparação para um futuro. A autora ressalta que, quanto mais elas puderem viver de acordo com suas necessidades no presente, tanto mais estarão prontas para os desafios do futuro. É uma consequência natural. No entanto, se delas são exigidas tarefas e comportamentos inadequados para seu momento de desenvolvimento psicocorporal, possivelmente terão dificuldades de responder adequadamente em fases futuras.

BACELAR, Vera Lúcia da E. (2009) salienta ainda que, diante de todas essas observações, é preciso ampliar a nossa avaliação da importância de não somente propor atividades ditas lúdicas, mas, principalmente, permitir a vivência lúdica das crianças na Educação Infantil. Isso é uma necessidade para as crianças e se constitui em grande desafio para nós, educadores e educadoras, que lidamos, principalmente, com a faixa etária das crianças que ainda não falam. Isto porque este desafio exige, além de um conhecimento técnico especializado em relação a desenvolvimento infantil e ao processo de aprendizado, uma disponibilidade para a escuta sensível, uma observação mais cuidadosa das expressões psicocorporais, respondendo a elas também de modo cuidadoso.

BACELAR, Vera Lúcia da E. (2009) defende a ideia de que a brincadeira e demais atividades na Educação Infantil precisam ser para a criança uma experiência de vivência do estado lúdico, pois assim ela poderá contribuir para o desenvolvimento da criança de maneira saudável.

1.3 Atividades lúdicas e vivência lúdica: precisando os conceitos

BACELAR, Vera Lúcia da E. (2009) comenta que assumida a diferença entre esses dois fenômenos - atividade lúdica e ludicidade, há que precisar um pouco mais esses conceitos uma vez que estão na base desta pesquisa; e isto deve ocorrer na medida em que estou interessada em saber se, pela linguagem nãoverbal, é possível ter ciência em relação ao estado lúdico ou não da criança ao realizar uma atividade.

Assim, a autora afirma que o conceito de atividade lúdica se diferencia do conceito de ludicidade que utilizo nessa pesquisa. A atividade lúdica é externa ao indivíduo e pode ser observada e descrita por outra pessoa enquanto é realizada.

Pode se dar em grupo ou individualmente, apresentando variações no seu formato, determinadas por gosto, preferências, cultura, regras pré-estabelecidas por uma instituição ou por quem a realiza.

Porém, de acordo com BACELAR, Vera Lúcia da E. (2009) a vivência lúdica, ou ludicidade, é interna ao indivíduo. É o estado interno que se processa enquanto o indivíduo realiza uma atividade lúdica. A atividade lúdica, como expressão externa, só será lúdica internamente se propiciar ao sujeito a sensação de plenitude, prazer, alegria.

De acordo com BACELAR, Vera Lúcia da E. (2009),A ludicidade, como experiência interna, integra as dimensões emocional, física e mental. Nesta perspectiva, ela envolve uma conexão entre o externo (objetivo) e o interno (subjetivo) e, portanto, é de relevância significativa para a vida em todas as suas fases e, especial- mente, na Educação Infantil.

BACELAR, Vera Lúcia da E. (2009), cita como exemplo, que a atividade lúdica é a brincadeira de roda. A ludicidade tem a ver com os estados de inteireza, de plenitude, de prazer com os quais o indivíduo faz contato enquanto brinca de roda. Várias crianças estão na roda, mas a maneira como cada criança experimenta, sente e vivencia internamente esta experiência é individual e pode ser totalmente diferente de uma para outra, donde se conclui que uma mesma atividade lúdica pode propiciar a vivência lúdica para algumas crianças e, para outras, não. Ou seja, em um grupo onde todos realizam a mesma atividade lúdica, algumas crianças podem fazer contato com a ludicidade e outras, não, pois o processo é do indivíduo que vive a experiência e está relacionado com sua história de vida, é uma vivência interior.

BACELAR, Vera Lúcia da E. (2009) indaga: Como podemos saber o que se passa internamente com o outro enquanto pratica uma atividade lúdica? O adulto compartilha, relata, fala; e a criança que ainda não fala, como expressa seu estado interno? Essa é a questão desta pesquisa, reiteradamente posta. A interseção entre a ação e o estado interno é que vai possibilitando ao sujeito (infantil, adolescente ou adulto) tomar posse de si mesmo, na medida em que, vivenciando a experiência, toma consciência do que acontece consigo mesmo. O processo de desenvolvimento é o processo de tomar posse de si mesmo.

1.4 - O papel do educador lúdico: saberes e desafios

BACELAR, Vera Lúcia da E. (2009) afirma que o professor da contemporaneidade, pelo menos em algumas nações, dentre elas o Brasil, está imerso numa séria e desafiadora tarefa: educar indivíduos em uma sociedade onde o conhecimento racional cognitivo

tornou-se a única meta, com vistas a uma aprovação no vestibular.

De acordo com BACELAR, Vera Lúcia da E. (2009), a valorização do desenvolvimento cognitivo, racional, informativo vem em detrimento de outras capacidades e habilidades que integram as dimensões do ser humano, as quais deveriam fazer parte do programa de todas as instituições educacionais. Infelizmente, nem a esta dimensão mental, a que se propõem os referidos programas, a escola tem correspondido satisfatoriamente, considerando-se as lacunas de conhecimento e de cultura dos nossos jovens e adultos atualmente.

BACELAR, Vera Lúcia da E. (2009) salienta ainda que, para o educador da educação infantil, especificamente da creche, essa realidade chega a ser angustiante, levando-o, frequentemente, ao desestímulo, à baixa autoestima, a somatizações e até ao abandono da carreira. Contudo, o quadro frequentemente avaliado com muitas críticas negativas ao professor, não pode ser de responsabilidade apenas deste. O professor é, muitas vezes, apenas vítima de um sistema que cada vez mais negligencia a educação em todos os aspectos, desde a falta de recursos humanos e materiais até a falta de políticas públicas condizentes com as características de um país tão rico em diversidade nas artes, saberes, cultura, geografia, tradições etc.

BACELAR, Vera Lúcia da E. (2009), ressalta que, diante das dificuldades do professor - falta de materiais, falta de condições adequadas, falta de apoio emocional etc. - resta-lhe uma saída: conviver driblando a falta, se quiser continuar sobrevivendo na sua profissão. Parece um pouco de exagero, mas é o que acontece, com algumas poucas variações. Superar essas dificuldades é um desafio constante e pode ser mais fácil se a arte e a ludicidade estiverem presentes. A autora ressalta que, frente às inúmeras dificuldades do nosso sistema educacional, de maneira geral, e especificamente na educação infantil, as responsabilidades recaem muito na pessoa do professor que, diante da realidade, tem que encontrar saídas de emergência para manter o sistema em funcionamento, na maioria das vezes, sem a menor condição.

BACELAR, Vera Lúcia da E. (2009), comenta como se não bastassem os desafios inerentes à própria tarefa de educar, deparamos ainda com a falta de condições generalizada na rotina do professor, que está relacionada às condições de trabalho e condições salariais; às relações com colegas e superiores hierárquicos; às relações com a família dos educandos e com a sociedade de modo geral. Associadas a todas essas dificuldades estão as lacunas na sua formação, que normalmente, é muito limitada e dissociada da re- alidade: não trabalhando os saberes necessários para uma prática condizente com as necessidades dos educandos.

BACELAR, Vera Lúcia da E. (2009), cita os saberes docentes, que segundo Tardif, envolvem os saberes curriculares, os disciplinares e os experienciais. Ele afirma que

"[...] o professor ideal é alguém que deve conhecer sua matéria, sua disciplina e seu programa, além de possuir certos conhecimentos relativos às ciências da educação e à Pedagogia e desenvolver um saber prático baseado em sua experiência cotidiana com seus alunos".

(TARDIF, 2002, p. 39, apud BACELAR, Vera Lúcia da E. (2009)

BACELAR, Vera Lúcia da E. (2009) afirma que independentemente dos conhecimentos que o professor precisa adquirir, estes conhecimentos por si só, não contribuem muito para a sua atuação se estiverem isolados de outros saberes, mesmo que o professor domine teoricamente todos eles. Isso porque, mais do que saber é preciso vivenciar. É esta associação entre saber e viver pode trazer um diferencial nos resultados da sua prática, fator que justifica um investimento nessa busca. É um desafio que está posto não apenas para o processo de formação dos educadores, mas também para que ele esteja apto a propor para seus educandos atividades e conhecimentos onde saber e viver estejam juntos. A autora ressalta que, pensando nas dificuldades inerentes ao próprio ato de educar, há necessidade de considerar que a educação infantil exige do professor mais do que uma formação especializada. Exige, obviamente, habilidades relacionadas à capacidade técnica, mas, principalmente, requer sensibilidade e percepção associada a uma habilidade de comunicação que é anterior aos códigos formais da linguagem falada e escrita. Esta comunicação está permeada de conteúdos subjetivos, que precisam ser entendidos por uma via que nem sempre conseguimos abarcar através dos conhecimentos científico-intelectuais.

BACELAR, Vera Lúcia da E. (2009) comenta que em função da especificidade de estabelecer comunicação com crianças pequenas e que ainda não falam, aliada às dificuldades acima citadas, o professor de educação infantil precisa constantemente criar alternativas de superação dos desafios.

BACELAR, Vera Lúcia da E. (2009), afirma que é de grande relevância que ele tome consciência da sua responsabilidade, mas também, da responsabilidade dos pais, da família, diretores, políticos, a fim de não trazer para si o que é da competência de outros. Isso significa que a responsabilidade por não estar realizando um trabalho como deveria ser não é somente sua. Contudo, no que estiver dentro do seu limite de atuação ele deve fazer sempre o melhor.

A autora afirma também que a atua-

lização e a formação continuada trazem um suporte importante não só para o trabalho junto às crianças, como também para saber reivindicar junto às autoridades competentes os direitos que lhes cabe. Para isso, é imprescindível se organizar com os colegas e fortalecer a categoria profissional, a fim de conquistar melhorias: de condições de trabalho, condições para formação continuada e relações trabalhistas.

BACELAR, Vera Lúcia da E. (2009), ressalta ainda que o professor estará fazendo o melhor, se estiver produzindo algo que identifique como importante, isto é, algo que seja significativo para si próprio como pessoa. Que a sua atividade de professor esteja ancorada em um sentido maior na sua filosofia de vida e que seu sentimento de crescimento pessoal esteja presente. Nessas condições, as dificuldades não deixam de existir, entretanto, a motivação para superá-las oferece a força e perseverança capazes de superação dos desafios. Esse caminhar, que é árduo, ganha novas configurações na medida em que nos conectamos com a ludicidade.

1.5 Ludicidade, arte e comunicação

De acordo com BACELAR, Vera Lúcia da E. (2009), ludicidade, como experiência interna, é uma abordagem discutida por Luckesi (2002) que nos faz entender e diferenciar a atividade lúdica de vivência lúdica. De acordo com a autora, a atividade é o que realizamos como brincadeira, passatempo, lazer etc. A vivência é o que se passa internamente enquanto realizamos a atividade. São os sentimentos de alegria, tristeza, raiva, ternura, paz, saudade, por exemplo. A mesma atividade realizada em um grupo pode motivar diferentemente a vivência das pessoas envolvidas. Pode até provocar vivências diferentes na mesma pessoa quando realizada em outras condições ou outro tempo.

Segundo o mesmo autor (LUCKESI, 2002, p. 26, apud BACELAR, Vera Lúcia da E. (2009), a ludicidade como vivência interna, ou seja, uma vivência lúdica, no momento de uma atividade lúdica, não admite divisão; a nossa atenção é inteira, sem dispersão. Corpo, mente, emoção está integrada. Nesse sentido, "ludicidade um fenômeno interno do sujeito, que possui manifestaç es no exterior".

Para a autora, o contato com as dimensões emocional, mental, espiritual de forma integrada, proporcionados pela ludicidade, leva-nos a estabelecer conexões importantes com o nosso próprio ser, abrindo os canais para comunicação com o exterior; portanto, numa situação educacional, poderemos manter uma comunicação mais efetiva entre educadores e crianças, mas isto se o educador estiver atento aos sinais que a criança expressa, seja com o choro, o sorriso, o brilho do olhar, a vivacidade ou não dos seus movimentos, a sua interatividade com os colegas, entre outras manifestações.

BACELAR, Vera Lúcia da E. (2009) afirma que a qualidade de comunicação que estabelecermos com as crianças dependerá o atendimento às necessidades típicas de um ser em desenvolvimento que, portanto, ainda não consegue expressar através da linguagem oral seus desejos, dores, tristezas, alegrias... A arte, seja ela plástica, dramática, movimento, música, também permite ampliar a nossa percepção sensível da expressão do outro porque, mesmo considerando os códigos existentes no campo profissional, por exemplo, a arte está muito relacionada à dimensão estética, emocional e sensível do ser humano. Ela acessa algo que está para além dos códigos, tanto em quem realiza a arte, quanto em quem a aprecia. Reconhecer sua importância no desenvolvimento da criança como linguagem, assim como a falada e a escrita, é poder contribuir muito para o processo educacional.

BACELAR, Vera Lúcia da E. (2009), afirma que as atividades de desenho, pintura, a dança espontânea, os jogos protagonizados, são excelentes atividades que, além de expressões da arte, podem ser vivenciadas ludicamente pelas crianças e/ou por elas e o educador concomitantemente. Nesse sentido, a arte pode configurar um meio de expressão e comunicação muito rico para o processo educativo.

De acordo com a autora, comunicação que se estabelece a partir da leitura que o professor faz da expressão corporal e estética da criança e que esta faz do professor tem uma estreita relação com a capacidade de perceber o outro, por meio de uma linguagem cujos códigos são construídos e conhecidos ao longo da convivência, da intimidade nas relações únicas que se constroem entre: educador e educando; educador e educandos; entre educandos. Essa linguagem, diretamente relacionada com a expressão interior, pode ser sinalizada através de gestos, olhares, ritmo e forma de movimentos do corpo. É uma linguagem que ainda precisamos valorizar mais, no sentido de dar mais atenção ao que está sendo exposto pela criança e à mensagem que o adulto está lhe transmitindo. Esta expressão tem grande força, em se tratando de crianças pequenas. E nós, frequentemente, prestamos mais atenção às palavras do que aos outros meios de comunicação. É importante reconhecer que ambas são importantes e complementares.

De acordo com BACELAR, Vera Lúcia da E. (2009), quando somos crianças, estamos mais abertos a esta comunicação. Basta observar as crianças brincando para perceber como elas se comunicam... Mas, ao longo da vida, nos distanciamos da habilidade de entender o outro, principalmente se as palavras não estiverem claramente expressas. Por isso, às vezes temos dificuldades em

manter contato com as crianças de forma mais significativa. Com a mãe, este diálogo acontece de maneira mais efetiva, em função da ligação emocional. Linhares, citado por BACELAR, Vera Lúcia da E. (2009), trata desta questão dizendo que:

"[...] o campo expressivo do outro (e não só o discurso que é a palavra) precisa ser relido e recepcionado de um modo ativo. Nosso potencial expressivo criador vai sendo, desde a escola, esvaziado e, em seu lugar, põe-se o sujeito alheado de si, padronizado na própria esfera do sentir, desde a infância". (LINHARES, 2003, p. 206, apud BACELAR, Vera Lúcia da E. (2009).

Esse potencial expressivo vai dando espaço à sensibilidade intuitiva, como diz Maffesoli citado por BACELAR, Vera Lúcia da E. (2009), referindo-se à intuição e a aspectos racionais da vida; à vivência e à experiência; e ao ato de apreendê-los intelectualmente:

"Trata-se de revitalizar a razão pura porque o mundo das formas é um mundo plural, complexo e porque induz, justamente em função desse pluralismo, ao relativismo gnoseológico. Por isso mesmo fica-se ligado à experiência, reconhece-se que a razão, não importa o que pensem os defensores do racionalismo, é construída a partir de uma intuição inteligente". (MAFFESOLI, 1998, p. 140, apud BACELAR, Vera Lúcia da E. (2009)

BACELAR, Vera Lúcia da E. (2009) afirma que é essa intuição que, ao longo da nossa história de vida, vamos desenvolvendo ou sufocando sobre um lastro de subjetividades pessoais, relacionadas com a nossa história, com as relações que vamos construindo com as pessoas e com as situações do dia-a-dia.

De acordo com a autora, é nessa perspectiva, tanto o potencial expressivo dos educandos, quanto o dos educadores, são plenos de significados peculiares sobre a experiência vivida por parte de cada qual. Então, a relação vai se construindo de maneira mais consistente e criativa, se é dado o espaço para a expressão e a compreensão dessas subjetividades, respeitando- se as características individuais de cada educando.

BACELAR, Vera Lúcia da E. (2009), salienta também que estarmos atentos à subjetividade da criança ajuda a entender o seu processo de desenvolvimento e das relações com o meio e com as pessoas a sua volta e, assim, poderemos tanto nos fazer entender, como entendê-las melhor.

BACELAR, Vera Lúcia da E. (2009) afirma também que, é por meio das atividades artísticas, as crianças podem expressar seus sentimentos, podem revelar conflitos, liberar angústias, ansiedades, emoções... Para o educador atento, a observação e a percepção desses conteúdos serão de grande valia para propor caminhos onde elas encontrarão o entendimento e, quem sabe, soluções para seus conflitos, se for o caso. Se essas atividades artísticas são vivenciadas de forma prazerosa, de forma que elas estejam presentes e felizes, então essas atividades artísticas estarão sendo lúdicas.

2 A PRÁTICA PEDAGÓGICA E O LÚDICO NA SALA DE AULA

De acordo com ALMEIDA, Márcia Tereza Fonseca (2008), em seu artigo "O brincar e o professor na educação infantil", afirma que o professor que trabalha com crianças de 0 a 5 anos precisa ter uma postura investigativa para compreender a complexidade da natureza infantil e favorecer o enriquecimento das competências imaginativas dos alunos por meio do lúdico.

Para Almeida, (2008) conceber as crianças como seres que pensam e sentem o mundo de uma forma própria é considerar a importância que o brincar tem no desenvolvimento infantil. Desde a mais tenra idade, as crianças revelam, pela brincadeira de faz-de-conta, o esforço que fazem para compreender o mundo em que vivem e as relações contraditórias que presenciam, explicitando também as condições de vida a que são submetidas. O fato de a criança poder se comunicar desde o período sensório-motor (0 a 2 anos) por meio de gestos, sons e, posteriormente, representar determinado papel na brincadeira, faz com que ela incremente sua imaginação. Nas brincadeiras que faz, ela pode desenvolver algumas capacidades importantes, como atenção, imitação, memória e imaginação.

Almeida, (2008) afirma que, brincando, as crianças amadurecem também algumas competências para a vida coletiva, pela interação e utilização dos jogos de regras e de papéis. Ao brincar, elas exploram o ambiente, perguntam e refletem sobre as formas culturais nas quais vivem e sobre a realidade circundante, desenvolvendo-se psicológica e socialmente. Devido ao seu processo gradativo de evolução, a brincadeira da criança pequena é estruturada a partir do que ela é capaz de fazer. Segundo Gilles Brougère[1] citado por Almeida, (2008), a criança evolui mais nos seis primeiros anos de vida, período em que boa parte delas frequenta instituições de Educação Infantil (creches e pré-escolas). E como essas crianças permanecem a maior parte do dia, ou mesmo o turno integral, nas referidas instituições, o brincar nesses espaços precisa ter o olhar do professor, com caráter de observação e pesquisa, possibilitando um maior entendimento sobre o desenvolvimento infantil. Lev Semionovitch Vygotski[2], citado por Almeida, (2008), atribui um papel importantíssimo à brincadeira, principalmente ao brincar de faz-deconta, considerado um verdadeiro "laborat rio da

infância". Por meio desta brincadeira, a criança cria, reinventa e se apropria da realidade circundante de forma simbólica, sobretudo por este tipo de brincadeira ser característico das crianças que aprendem a falar, e que são capazes de se envolver numa situação imaginária. Pelo contato direto com os professores em cursos, encontros pedagógicos e acompanhamento nas pré-escolas, Almeida, (2008) percebeu que eles ainda não tinham clareza quanto à importância do brincar no desenvolvimento social, afetivo e cognitivo das crianças de 0 a 5 anos, apesar de terem realizado vários estudos com eles sobre o desenvolvimento infantil, ressaltando a importância do brincar a partir do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (Rcnei)[3].

Ao longo da sua prática de coordenação junto aos professores e crianças de algumas pré-escolas da Rede Municipal, Almeida, (2008) pode perceber que os momentos dedicados ao brincar têm sido deixados para segundo plano, acontecendo apenas na hora do recreio. Neste momento, ou o professor assume a direção das "brincadeiras", na sua maioria da escolha do adulto, ou as crianças ficam soltas na área sob o olhar atento de um professor, preocupado apenas com a segurança dos alunos. As crianças ficam livres, e os professores ignoram todo e qualquer tipo de brincadeira que elas trazem de casa.

1. Pesquisador francês e especialista em jogos e brincadeiras infantis.

2. Psicólogo e pesquisador russo (1896-1934).

3. Publicação que integra a série de documentos dos Parâmetros Curriculares Nacionais, elaborados pelo Ministério de Educação e do Desporto, 1998. O documento se constitui a partir das concepções de criança, infância e educação, oferecendo diretrizes curriculares a todos que atuam na área de Educação Infantil. Volumes disponíveis no site: www.mec.gov.br

Almeida, (2008) ressalta que outra prática bastante comum é sugerir que as crianças brinquem livremente na sala quando a atividade proposta para o segundo horário termina antes do tempo previsto, visando preencher o restante da carga horária. Essas práticas têm demonstrado que questões importantes como desenvolvimento social, moral, afetivo e cognitivo que o brincar pode proporcionar para as crianças não são percebidas pelo professor. De acordo com a autora ele não planeja esta atividade, não se envolve e nem observa o que as crianças dizem, sentem e demonstram estar pensando nesses momentos. Almeida, (2008) comenta que apesar de a maioria dos professores terem relatado, em encontros pedagógicos ou em momentos de resgate de memórias, que as brincadeiras de faz-de-conta, regras e jogos de construção fizeram parte de sua infância e lembrarem-se dessa fase de suas vidas como algo prazeroso e criativo, não percebem em suas práticas nenhuma preocupação com o brincar no planejamento e execução do seu trabalho diário.

Como afirma Garrido citado por Almeida, (2008), a experiência docente precisa ser um espaço gerador e produtor de conhecimentos. Deste modo, a prática docente deve configurar-se num espaço em que o professor, pelos desafios impostos pelo cotidiano de sala de aula, torne-se um especialista do seu fazer, articulando teoria e prática, conforme afirma Almeida, (2008). Para Almeida, (2008) em geral, o brincar é visto somente pelo seu aspecto do movimento corporal, e tido apenas como momento de pura diversão. É descartada a hipótese de que a criança aprende a brincar e tem consciência de que brinca, agindo nesta atividade em função da imagem de uma pessoa ou objeto e de situações que são evocadas, revivendo sentimentos e significados vivenciados. Segundo Vygotsky (apud Almeida, 2008), o brinquedo é muito mais a lembrança de alguma coisa que realmente aconteceu do que imaginação. É mais a memória em ação do que uma situação imaginária nova. Pensar em política de formação profissional para a Educação Infantil requer, antes de tudo, questionar concepções de criança e pré-escola. De acordo com Almeida, (2008) o professor de Educação Infantil deve conduzir um trabalho voltado para o brincar, visando atender todas as necessidades dessa faixa etária, tendo em vista que as brincadeiras propiciam a fantasia e a criatividade da criança, possibilitando também que estas adquiram o domínio da linguagem simbólica.

Almeida, (2008) salienta ainda que a prática pedagógica torna-se mais prazerosa com a presença das brincadeiras, uma vez que possibilita ao professor aproximar-se do mundo da criança e observá-la com mais propriedade. Para tanto, ele precisa conhecer a criança, de onde ela vem, como pensa, seus valores, histórias de vida, as representações que ela faz do mundo, para intervir de forma consistente, influenciando na construção do sujeito, na formação de sua história. Para criar situações de aprendizagens significativas o educador precisa não somente de conhecimento teórico sobre o nível de desenvolvimento da criança, mas também de experiências práticas relativas às possibilidades de exploração que as brincadeiras podem oferecer.

Almeida, (2008) afirma ainda que o professor que trabalha com a primeira infância precisa estar aberto para perceber que a natureza infantil é complexa e exige de nós, adultos, postura de observadora bastante apurada, a fim de apreendermos o que é ser criança e como devemos lidar com elas. Segundo Coll e Solé, citado por Almeida, (2008), aprendemos quando somos capazes de ela-

borar uma representação pessoal sobre um objeto da realidade que pretendemos aprender. Essa elaboração implica aproximar-se de tal objetivo ou conteúdo com a finalidade de apreendê-lo. Nesse processo, não só modificamos o que já possuíamos, mas também interpretamos o novo de forma peculiar, para poder integrá-lo e torná-lo nosso. De acordo com Almeida, (2008) a formação inicial do professor não vem oferecendo subsídios ou respaldo teórico que o leve a compreender qual o lugar ocupado pelo brincar na infância. É importante que este professor tenha consciência ou conhecimento do que significou suas brincadeiras de tempo de criança para sua construção pessoal e até profissional.

Almeida, (2008) afirma que a ressignificação do brincar nas instituições de Educação Infantil, sobretudo por parte dos professores, requer estudo e compreensão de que sua intervenção na brincadeira é necessária. Essa intervenção tem de ser pautada na observação das brincadeiras infantis, visando oferecer material adequado e espaço que permita o enriquecimento das competências imaginativas. O brincar deve ser planejado concomitantemente com as outras áreas, pela articulação de temas e projetos que permitam registrar toda a evolução das brincadeiras, bem como aspectos relevantes de linguagem, socialização, atenção e envolvimento pessoal que dão pistas com relação ao ambiente sociocultural no qual a criança está inserida.

Almeida, (2008) afirma que as atividades lúdicas como recursos da prática educativa devem estar presentes no cotidiano das salas de aula da Educação Infantil visando não só o desenvolvimento emocional dos alunos, como também a compreensão por parte dos educadores sobre os limites e as possibilidades de trabalhar as questões afetivas no contexto escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após análise e reflexão dos textos apresentados nesse artigo, considero que o lúdico é parte inerente à formação e ao desenvolvimento da criança, principalmente nos primeiros anos de vida. O faz-de-conta e a imaginação propiciam momentos de alegria e prazer, além de oferecer inúmeras possibilidades de aprendizagem, formas de expressão e interação com outras crianças e adultos. Nesse sentido, criança que apresenta dificuldades para expressar seus sentimentos e emoções precisa de um acompanhamento que lhe ofereça a oportunidade de demonstrar sentimentos que podem lhe causar stress.

A ludopedagogia é um segmento da pedagogia que se vale de jogos e divertimentos, até mesmo de competições esportivas, na qual proporcionará à criança exprimir seus sentimentos e emoções, angústias, medos, aversões, entre outros, permitindo que ela se expresse no momento do brincar e de forma espontânea. Assim, o professor, utilizando seus conhecimentos, terá maior habilidade em identificar qual a dificuldade que a criança enfrenta compreendendo situações de stress e ansiedades apresentadas pelas crianças, uma vez que, através da interação com objetos ou brinquedos que fazem parte do seu cotidiano, a criança irá expressar-se como se sente, ou o que a aflige, e que não se sente confortável em dividir com algum familiar ou simplesmente não sabe como fazê-lo. Através da brincadeira, a crianças se sente segura em demonstrar quais suas inseguranças, sem a necessidade de verbaliza-las formalmente.

Nesse sentido, considero que a ludopedagogia é essencial e auxilia a criança a compreender e lidar com situações adversas ao seu convívio social e que tal tratamento irá auxiliá-la a enfrentar as dificuldades de uma forma mais leve e tranquila.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marcia Tereza Fonseca, O Brincar e o Professor na Educação Infantil, Secretaria Municipal de Educação de Feira de Santana, Feira de Santana, BA - Link: https://avisala.org.br/index.php/assunto/reflexoes-do-professor/o-brincar-e-oprofessor-de-educacao-infantil/

BACELAR, Vera Lúcia da Encarnação. Ludicidade e educação infantil - Salvador : EDUFBA, 2009.

BROUGÉRE, Gilles. “O que é Brincadeira?”, In Revista criança do professor.

Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: Movimento. MEC, 1998. Arquivos disponíveis no site: www.mec.gov.br.

SIEVES, Cristiano – Kumon Brasil Kumon – publicado em 09/10/2018

https://www.kumon.com.br/blog/ludopedagogia-o-brincar-como-foco-na-educacaohttps://www.kumon.com.br/blog/ludopedagogia-o-brincar-como-foco-na-educacao-infantil1infantil1

https://playtable.com.br/blog/o-que-e-ludopedagogia-e-como-ela-se-aplica-as-scolashttps://playtable.com.br/blog/o-que-e-ludopedagogia-e-como-ela-se-aplica-as-scolas-brasileirasbrasileiras

VYGOTSKY, Lev Semenovich. A Formação social da mente, Ed. Martins